

O IMAGINÁRIO POR TRÁS DA FICÇÃO: A LITERATURA COMO EXPECTATIVA E EXPERIÊNCIA

THE IMAGINARY BEHIND THE FICTION: LITERATURE AS EXPECTATION AND EXPERIENCE

EL IMAGINARIO DETRÁS DE LA FICCIÓN: LA LITERATURA COMO EXPECTATIVA Y EXPERIENCIA

Emanuelle de Oliveira Camolesi¹

Resumo: Este artigo busca demonstrar como as categorias históricas: “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, desenvolvidas pelo autor Reinhart Koselleck, podem ser aplicadas metodologicamente junto de literaturas ficcionais para se alcançar o imaginário social de uma época específica estudada. A fins explicativos, em uma proposta interdisciplinar entre a literatura e a história, será apresentado o conto do escritor estadunidense Philip Dick, intitulado de “Peça de exposição”, de 1954. Usufruindo da metodologia comparativa bibliográfica, será narrado o conto ficcional e ele será analisado criticamente, de forma breve e objetiva, aplicando essas categorias na análise com os objetivos de clarear esses conceitos históricos numa “prática” possível e apresentar como a interdisciplinaridade com a literatura pode ser um instrumento histórico importante para o pesquisador. Para isso, esse trabalho beneficia-se de teorias dos autores: Cardoso (2006), Hartog (2013), Pesavento (2006), Koselleck (2014) e Chiappini (1999).

Palavras-chave: espaço de experiência; horizonte de expectativa; imaginário social; interdisciplinaridade; Reinhart Koselleck.

Abstract: This article seeks to demonstrate how the historical categories: “space of experience” and “horizon of expectation”, developed by the author Reinhart Koselleck, can be methodologically applied together with fictional literature to reach the social imaginary of a specific time studied. For explanatory purposes, in an interdisciplinary proposal between literature and history, the short story by the American writer Philip Dick, entitled “Piece of exhibition”, from 1954, will be presented. Taking advantage of the bibliographic comparative methodology, the fictional tale will be narrated, and it will be critically analyzed, briefly and objectively, applying these categories in the analysis with the objectives of clarifying these historical concepts in a possible “practice” and presenting how interdisciplinarity with the literature, can be an important historical tool for the researcher. For this, this work benefits from the theories of the authors Cardoso (2006), Hartog (2013), Pesavento (2006), Koselleck (2014), and Chiappini (1999).

Keywords: space of experience; horizon of expectation; social imaginary; interdisciplinarity; Reinhart Koselleck.

¹ Graduanda em História na UFF. E-mail: emanuelle_camolesi@id.uff.br

Resumen: Este artículo busca demostrar cómo las categorías históricas “espacio de experiencia” y “horizonte de expectativa”, desarrolladas por el autor Reinhart Koselleck, pueden ser aplicadas metodológicamente a las literaturas de ficción, con el fin de alcanzar el imaginario social de un período específico estudiado. Con fines explicativos, en una propuesta interdisciplinar entre la literatura y la historia, se presentará el cuento del escritor norteamericano Philip Dick titulado “Exposition piece”, de 1954. Se analizará de forma crítica, breve y objetiva, aplicando estas categorías en el análisis con los objetivos de esclarecer estos conceptos históricos en una posible “práctica” y presentar cómo la interdisciplinariedad con la literatura puede ser un importante instrumento histórico para el investigador. Para ello, este trabajo se beneficia de las teorías de los autores, Cardoso (2006), Hartog (2013), Pesavento (2006), Koselleck (2014) y Chiappini (1999).

Palabras clave: espacio de experiencia; horizonte de expectativa; imaginario social; interdisciplinariedad; Reinhart Koselleck.

INTRODUÇÃO

A princípio, seguindo a influência positivista da Escola Metódica² estabelecida no final século XIX, a historiografia foi fundamentada em uma história de eventos políticos e personagens. O seu método assegurava uma “reconstituição do real”, com a análise de fontes escritas/documentais ditas por “oficiais”, de forma crítica e objetiva. Na busca pela definição de um estatuto de cientificidade, a Escola Metódica pregava uma história imparcial e científica, criando fronteiras entre as áreas do conhecimento humano, onde “o argumento da defesa do método que garantiria a cientificidade da disciplina. A história, definitivamente, não era literatura, e menos ainda filosofia” (YAMASHITA, 2016, p. 79).

Em contrapartida, em 1929, Marc Bloch e Lucien Febvre “tomaram a iniciativa dos *Annales* contra uma historiografia que os incomodava” (YAMASHITA, 2016, p. 86). Ancorada nas Ciências Sociais, que ganhavam cada vez mais espaço no cenário e suas ambições semelhantes, a Escola dos *Annales* detém de uma nova perspectiva de cientificidade da história através da proposta de interdisciplinaridade, abrangendo assim o alcance dos profissionais da totalidade dos fatos históricos: “urgia ao historiador abandonar os três ídolos: o do político, o do indivíduo e o da cronologia. A partir dessa renúncia, nasceria finalmente uma ciência” (YAMASHITA, 2016, p. 87).

Contudo, a História é composta de uma longa duração de tempo e espaço, da qual “a

² Revista protagonista durante toda a Terceira República (1870-1940), fundada por Gabriel Monod e Gustave Fagniez (com a revista *Revue Historique*). Defendiam a história como mestra da vida e um método rigoroso e arquivista para tratar dos fatos históricos. (YAMASHITA, 2016, p.72).

maior parte das informações sobre o passado nunca foi registrada, e a maior parte do que permaneceu é fugaz” (JENKINS, 2009, p. 31). Com esse caráter efêmero das fontes históricas recuperadas pelos historiadores, podemos considerar que estas são apenas vestígios de fatos históricos, um pequeno relance de uma perspectiva seletiva que a produziu, uma narrativa subjetiva da época em questão. Desse modo, “nenhum historiador consegue abarcar e assim recuperar a totalidade dos acontecimentos passados, porque o ‘conteúdo’ desses acontecimentos é praticamente ilimitado” (JENKINS, 2009, p. 31).

São séculos de história, nos quais os seres humanos passaram por incontáveis transformações e, entre permanências e rupturas, são esses seres o objeto do historiador. Estes que são dotados de subjetividades, perspectivas, sonhos e frustrações; seres estes que são os responsáveis por produzirem as fontes utilizadas pelos historiadores.

Se as próprias fontes históricas são apenas vestígios de um passado inatingível, esse recorte documental dito como “oficial” está sujeito às infinitas possibilidades de interpretações, assim como qualquer outra fonte “alternativa” utilizada, como a história oral, a memória e a literatura. Consequentemente, o próprio fazer historiográfico está fadado “a ser um constructo pessoal, uma manifestação da perspectiva do historiador como ‘narrador’” (JENKINS, 2009, p. 32). Com a proposta dos *Annales* de interdisciplinaridade e o entendimento das parcialidades contidas na pesquisa, abre-se um mundo de possibilidades de extrema relevância para a pesquisa historiográfica.

Refletindo sobre a importância da interdisciplinaridade, a literatura — muito mais do que apenas narrativas de passatempo — pode ser uma ferramenta auxiliadora importante para a compreensão do imaginário social, que através da representação e do simbólico, abre “uma janela para a recuperação das formas de ver, sentir e expressar o real dos tempos passados” (PESAVENTO, 2006, n.p). Essas formas de experimentar o tempo, podem ser relacionadas com os conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, os quais este trabalho tem como objetivo elucidar de maneira interdisciplinar, em uma prática teórica com a literatura, buscando abrir caminhos para novas pesquisas interdisciplinares que valorizem a literatura como uma fonte historiográfica relevante.

Utilizando a metodologia de pesquisa bibliográfica e comparação teórica, este trabalho se beneficia do entendimento das categorias de Koselleck (2014) para a interpretação do imaginário social de uma época, como sugerido por Pesavento (2006). Numa aproximação apropriada e pertinente entre a literatura e a história, defendida por

Chiappini (1999), através do conto “Peça de exposição” (1954) de Philip Dick, ancorados nas explicações quanto ao gênero de ficção científica de Cardoso (2006).

Dessa forma, pretende-se apresentar um novo caminho para a esfera científico-acadêmica quanto aos estudos interdisciplinares, pois busca-se aqui fomentar o uso desses conceitos históricos em análises críticas de fontes literárias, de modo a demonstrar uma alternativa à historiografia, valorizando as fontes produzidas pelo objeto de pesquisa do historiador, com uma interdisciplinaridade extremamente relevante, buscando contribuir na ampliação do conhecimento de vários aspectos do imaginário social e do cotidiano da vida social humana.

LITERATURA: ENTRE AS EXPECTATIVAS E AS EXPERIÊNCIAS HUMANAS

Desde a primeira geração da Escola dos *Annales*, fundada pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929, a História como campo de pesquisa e o ofício do historiador começaram a ser questionados. A História, a partir das discussões levantadas por esse movimento, deixa de ser a história dos grandes personagens, dos fatos políticos e da diplomacia das guerras (que possuíam o recorte de fontes conhecidas como “fontes oficiais”), para então se expandir com a aproximação dos campos das Ciências Humanas, para a melhor compreensão da humanidade.

O ofício do historiador também é remodelado e o profissional passa a ser uma espécie de inquietador que é motivado a partir de uma questão-problema provocada por sua subjetividade. O profissional então reúne fontes que o façam chegar o mais próximo da “verdade histórica” quanto a sua inquietação, para que, com elas, o historiador possa narrar suas descobertas. Pesavento diz que o historiador “não cria personagens nem fatos. No máximo, os ‘descobre’, fazendo-os sair da sua invisibilidade” (2006, n.p) e a sua vontade de encontrar “a verdade” é o que o encoraja a selecionar quais fontes e quais das diversas metodologias usar.

Compreendendo que estas fontes utilizadas pelo historiador também são um produto de seu tempo, elas são consideradas uma marca de historicidade, um vestígio conservado, um recorte do presente em que foi produzida. Quanto a isso, Koselleck diz que este profissional,

ao transformar esses vestígios em fontes que dão testemunho da história que deseja apreender, o historiador sempre se movimenta em dois planos. Ou ele analisa fatos que já foram anteriormente articulados na linguagem ou então, com a ajuda de hipóteses e métodos, reconstrói fatos que ainda

não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir desses vestígios. (2006, p. 305)

Como afirma Hartog (2013, p. 142), “de certa forma, todo grupo, toda sociedade, ontem como hoje, pode contar apenas com seu presente” e como as fontes (sejam elas advindas de documentos oficiais, da literatura, da tradição oral etc.) são um vestígio do seu presente, passa a ser reconhecido que “a diluição das fronteiras disciplinares na academia nos parece trazer um enriquecimento para as ciências humanas e sociais” (CHIAPPINI, 1999, p. 807). Logo, houve a ampliação do conceito de fonte histórica que permite a colaboração entre outras áreas da ciência junto da História, como a Geografia, a Antropologia e a Literatura. Contudo, conforme elucida Chiappini (1999, p. 809), assim como a “literatura não é geografia, ou seja, que não se podem ler paisagens ficcionais como se fossem paisagens reais, já que o escritor inventa e simboliza”, a História e a Literatura (a aproximação aqui proposta) são narrativas diferentes, mas que se entrelaçam.

Essa interdisciplinaridade é relevante, pois segue a base de pensamento que a História se define “não apenas como narrativa de fatos e feitos, mas também como ‘resgate das emoções, das formas de sentir, das reações, das atitudes’, como história das sensibilidades, [...], ela continua baseada em fontes e documentos. A literatura pode ser, para isso, uma fonte privilegiada” (CHIAPPINI, 1999, p. 814). Valorizar essa interdisciplinaridade entre Literatura e a pesquisa historiográfica é entender que há muitas semelhanças entre a História e a literatura, expostas por Pesavento (2006, n.p) que as descrevem como “narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço”, que possuem os seres humanos como foco e tem a realidade como referente. A autora traça uma afinidade entre ambas até em seu método do autor ficcional e o ofício do historiador; aplicando-o como o narrador

que tem também tarefas narrativas a cumprir: ele reúne os dados, seleciona, estabelece conexões e cruzamentos entre eles, elabora uma trama, apresenta soluções para decifrar a intriga montada e se vale das estratégias de retórica para convencer o leitor, com vistas a oferecer uma versão o mais possível aproximada do real acontecido. (PESAVENTO, 2006, n.p)

Fica claro como as fontes são tão parciais quanto o próprio historiador e, com sua subjetividade em sua inquietação e em sua seleção de fontes, o profissional fica impossibilitado de trazer uma “verdade absoluta”, pois um acontecimento ou um evento pode ser vivenciado, observado e sentido de formas diferentes. Desse modo, em “face à impossibilidade de repetir a experiência do vivido, os historiadores elaboram versões. Versões plausíveis, possíveis, aproximadas, daquilo que teria se passado um dia”, atingindo

“a verossimilhança, não a veracidade” (PESAVENTO, 2006, n.p), construindo uma “verdade histórica” a partir de perspectivas selecionadas.

As grandes diferenças entre ambas são: a História é a narrativa organizada dos fatos acontecidos que, em tese, podem ser comprovados; enquanto a Literatura narra “o que poderia ter sido e não necessariamente o que realmente acontece ou aconteceu” (CHIAPPINI, 1999, p. 813). A literatura não possui um “compromisso com o resgate das marcas de veracidade que funcionam como provas de que algo deva ter existido” (PESAVENTO, 2006, n.p). Pesavento também categoriza a História como uma “ficção controlada”, contida pela argumentação do historiador, pelo uso de conceitos históricos e pelos rigores metodológicos.

Historiadores trabalham com as tais marcas de historicidade e desejam chegar lá. Logo, frequentam arquivos e arrecadam fontes, se valem de um método de análise e pesquisa, na busca de proximidade com o real acontecido. Escritores de literatura não tem este compromisso com o resgate das marcas de veracidade que funcionam como provas de que algo deva ter existido. Mas, em princípio, o texto literário precisa, ele também, ser convincente e articulado, estabelecendo uma coerência e dando impressão de verdade. Escritores de ficção também contextualizam seus personagens, ambientes e acontecimentos para que recebam aval do público leitor. (PESAVENTO, 2006, n.p).

Segundo Pesavento (2006), a pesquisa histórica é composta de recortes temporais e espaciais construídos através do imaginário social de determinado tempo. Esse imaginário seria um “sistema produtor de ideias e imagens que suporta, na sua feitura, as duas formas de apreensão do mundo: a racional e conceitual, que forma o conhecimento científico, e a das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível” (PESAVENTO, 2006, n.p). Ou seja, entende-se que os imaginários “são construções sociais, ou seja, históricas e datadas, que guardam as suas especificidades e assumem configurações e sentidos diferentes ao longo do tempo e através do espaço” (PESAVENTO, 2006, n.p).

Ao lidar com a literatura como fonte, é prudente buscar qual a verdade que a história e o autor nos trazem através de suas meias-verdades, adverte Chiappini (2006), pois a literatura possui a dimensão da “verdade do simbólico”, “que se expressa de forma cifrada e metafórica” (PESAVENTO, 2006, n.p), narrando essas experiências do tempo que Koselleck esclarece em seu livro *Estratos do tempo: estudos sobre história* (2014) de forma indireta, alegórica e de representação do passado.

Os eventos, as sequências narrativas que dão um desfecho ficcional e os personagens não são importantes no seu quesito real ou com a realidade histórica, mas no simbólico e na

representação que estes carregam do imaginário de uma época, dando-nos acesso a uma marca de historicidade do tempo presente da obra. Esse imaginário

extrapola as percepções sensíveis da realidade concreta, definindo e qualificando espaços, temporalidades, práticas e atores, o imaginário representa também o abstrato, o não-visto e não-experimentado. É elemento organizador do mundo, que dá coerência, legitimidade e identidade. É sistema de identificação, classificação e valorização do real, pautando condutas e inspirando ações. (PESAVENTO, 2006, n.p)

Como assinala Pesavento, não é interpretar se os personagens Capitu e Bentinho da obra “Dom Casmurro” de Machado de Assis realmente existiram ou não, eles “existiram enquanto (sic) possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. [...] São dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida” de um recorte temporal e geográfico (PESAVENTO, 2006, n.p).

Conclui-se, portanto, que a Literatura permite o acesso “às sensibilidades e às formas de ver a realidade de outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou acontecido no passado” (PESAVENTO, 2006, n.p). Essa fonte é cara aos historiadores, pois “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem” (KOSELLECK, 2006, p.306). São essas experiências e essas expectativas sociais que a Literatura carrega; ela revela a representação e o simbólico do imaginário de uma época através de seus fatos ficcionais.

Koselleck explica que essa experiência espacial do tempo histórico começa a ser entendida na era do Iluminismo quando a história se dividiu “conforme pontos de vista objetivos abrangentes” (KOSELLECK, 2014, p. 300) e o tempo passou a ser experimentado não apenas *ex post* (baseado em conhecimento, observação, análise, sendo fundamentalmente objetivo e factual de um fato após seu acontecimento³), mas de forma imediata, no presente. Segundo ele, o conceito do “novo tempo” — o tempo histórico — “não é um conceito que olha para trás: surge no presente e aponta para um futuro aberto. O futuro da modernidade é pensado como algo aberto e ilimitado. [...] Um novo futuro que seria fundamentalmente diferente de todo o passado até então.” (KOSELLECK, 2014, p. 300). O tempo histórico, resultado da ação do homem no tempo e no espaço, para o autor, é

³ Definição encontrada em: <https://dicionario.priberam.org/ex%20post> e <https://www.dicionarioinformal.com.br/ex+post/>

um produto social da tensão entre as categorias metahistóricas “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”.

As categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” são categorias históricas desenvolvidas pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (2006) e definidas como indicadores quanto a condição humana universal, pois elas articulam e entrelaçam passado, presente e futuro, remetendo “à temporalidade do homem, e com isto, de certa forma metahistoricamente, à temporalidade da história.” (KOSELLECK, 2006, p. 309). O autor indica que essas categorias só se encaixam em análises onde as expectativas se distanciam das experiências vividas até então, “à medida que o homem experimentava o tempo como um tempo sempre inédito, como um ‘novo tempo’ moderno, o futuro lhe parecia cada vez mais desafiador” (KOSELLECK, 2006, p. 16). Segundo a teoria, o tempo presente (seja ele individual ou social) é constituído pela acumulação de experiências de um tempo passado; contudo, esse tempo presente também é condicionado às expectativas de um tempo futuro. Isto é, essas categorias históricas são um instrumento para entender um certo tempo presente, a partir da acumulação do passado e da projeção de possibilidades futuras.

De forma circunscrita, segundo o mesmo autor, o espaço de experiência é o passado atual que produz a memória, as recordações e lembranças. Koselleck afirma que essas experiências concedidas pelo passado são espaciais, porque o espaço, enquanto natureza, é uma condição para a história e essas experiências se aglomeram no espaço para formar um todo — os seres humanos experimentando o seu tempo presente, que é indissociável do seu espaço. É nesse espaço de completude da “experiência [que] se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento” (KOSELLECK, 2006, p. 309). O autor clarifica, contudo, que não há experiência sem expectativa e vice-versa, pois uma não existe sem a outra, afinal, a História é “a vinculação secreta entre o antigo e o futuro, cuja conexão só se pode reconhecer depois de se haver aprendido a compor a história a partir dos dois modos de ser, o da recordação e o da esperança” (KOSELLECK, 2006, p. 308).

O horizonte de expectativa tem relação com “aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado” (KOSELLECK, 2006, p. 311). Esse espaço seria o futuro que é repleto de esperanças e angústias, medos, desejos e planos. O futuro é marcado por expectativas — sejam de um futuro melhor ou de um futuro não tão promissor — que se estende, cheio de possibilidades, dando horizonte a novos espaços de experiências. Ambas são ligadas ao pessoal e ao interpessoal, pois em ambas se encontra o alheio, ou seja, as outras pessoas ao redor que

também experienciam e expectam a vida (KOSELLECK, 2006, p. 309-311). No entanto, ele adverte:

Passado e futuro jamais chegam a coincidir, assim como uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência. Uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência futura, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais. (KOSELLECK, 2006, p. 310)

Isso significa que uma expectativa não precisa necessariamente ter conexão com alguma experiência passada ou com a acumulação destas, pois elas podem surgir de vontades sociais e subjetivas de forma repentina. E as expectativas podem ser reavaliadas conforme as experiências do presente são absorvidas e vividas, porém “o espaço de experiência anterior nunca chega a determinar o horizonte de expectativa” (KOSELLECK, 2006, p. 313).

AS CATEGORIAS HISTÓRICAS NA “PRÁTICA”

Para exemplificar esses conceitos e sua relação com a literatura aqui proposta, proponho a análise do conto de ficção científica de Philip K. Dick, intitulado de *Peça de Exposição* (ou *Exhibit Piece*), publicado muito provavelmente em alguma das diversas *pulp magazines* de sua época (AZEVEDO, 2018), em 1954⁴.

A ficção científica é um gênero que na atualidade não mais se restringe a literatura, tendo se fundido ao cinema, a televisão, e a outros espaços. Cardoso (2006) traz uma análise quanto a sua definição, enunciando que o gênero citado está sempre se apoiando em alguma teoria científica que não pareça “descabelada” (mesmo que não tenha um compromisso de ser uma teoria verdadeira e comprovada). Outra característica primordial desta, é a sua preferência pela temporalidade futura da humanidade. Todavia, apesar dessa temporalidade de possibilidades futuras, Le Guin (1976) articula que a ficção científica é um campo do experimento com as ideias (*thought-experiment*), numa busca constante quanto a “descrição de aspectos do presente (mesmo se este aparecer disfarçado de futuro) do que de uma autêntica predição, mesmo se esta for feita” (LE GUIN, 1976 apud CARDOSO, 2006, p. 20).

É bem verdade que a ficção possui um nível distinto de aproximação com a realidade, como afirma Pesavento (2006), porém, identificando as representações e os símbolos que a narrativa produz de seu presente, é possível especular quais eram o espaço de experiência e

⁴Informação disponível em:
http://bibliowiki.com.pt/index.php/Pe%C3%A7a_de_Exposi%C3%A7%C3%A3o

o horizonte de expectativas daquela época (ou seja, o imaginário social) que motivou a ficção.

O conto *Peça de exposição* foi traduzido por Daniel Lühmann, que reuniu 10 contos de Dick no livro *Sonhos elétricos* publicado em 2018 pela editora Aleph. O conto em questão é uma ficção científica que se passa no século XXII — um século cheio de desenvolvimentos tecnológicos ainda não contemplados por nós, que estamos no passado —, onde o motorista do transporte público é um robô e o protagonista, George Miller, um estudioso acadêmico apaixonado e dedicado à sua pesquisa, é um especialista do século XX que trabalha na Agência de História de N'York — uma instituição de réplicas exatas da história humana no tempo —, no andar do “Meados do Século XX”. Esse personagem é fascinado pelos costumes e pelas tradições da vida cotidiana da sociedade estadunidense no século XX, e na sua tentativa de resgatar a memória, Miller acaba se perdendo entre o seu presente e o passado.

O protagonista se destaca com sua maleta de couro de jacaré, seu paletó listrado com botões, sua gravata pintada à mão e seu cachimbo com tabaco de duzentos anos; cada detalhe completamente fiel e preciso (e cientificamente datado) ao de um homem estadunidense do século XX. Miller está praticamente vivendo sua pesquisa. Esse é o mundo criado por Dick e que Cardoso (2006) define como realidade virtual que “integra um setor temático maior, o da realidade alternativa (ou mundo paralelo), que em muitos casos nada tem a ver com simulações por computador e é, na verdade, mais do que centenária como interesse temático” (CARDOSO, 2006, p. 27).

Cardoso (2006) afirma que esse setor temático é o de criar um mundo diferente do real, ou seja, uma representação de uma organização social de forma utópica (idealizando um futuro melhor com uma sociedade melhor) ou distópica (um futuro em condições insuportáveis e de retrocesso social), sempre explorando o infinito entre o possível e o impossível. Philip Dick deixa claro que seu conto se passa em um universo paralelo com o seu presente, 1954, quando ao descrever a exposição de réplicas autênticas do personagem no futuro, ele narra: “A reluzente garagem branca, com a porta erguida pela metade. A insinuante traseira de um Buick 1954 – e então a casa em si.” (DICK, 1954, n.p). Ao transferir um carro específico de sua época ao conto, o autor denuncia o seu paralelo distópico proposto. Distópico, pois, o conto se passa em um futuro ficcional (e em comparação com o presente do autor, uma realidade ainda possível) onde, hipoteticamente,

a URSS foi bem-sucedida na corrida armamentista e tecnológica conhecida como Guerra Fria (1947–1991).

Analisando o contexto do autor quando o conto foi publicado, o ano de 1954 fica no período histórico intitulado de Guerra Fria (1947–1991), que foi o intervalo entre o fim da Segunda Guerra Mundial (1939–1945) e a queda da União Soviética-URSS (1991). Relembrando rapidamente, a Guerra Fria foi um período de mudanças estruturais, adaptações e tensões geopolíticas em um mundo dividido, então, em dois grandes polos econômicos e ideológicos: o Capitalismo (que tinha os Estados Unidos como centro) e o Socialismo (que tinha a URSS como centro). O Socialismo é uma filosofia política, social e econômica que visa a propriedade coletiva dos meios de produção, desenvolvida por Karl Marx e Friedrich Engels, sendo um meio de transição para o comunismo (uma alternativa ao sistema capitalista), onde as classes sociais seriam extintas, a distribuição dos bens a cada indivíduo seria consoante a sua respectiva necessidade e que defende a igualdade absoluta entre os cidadãos. Entretanto, o comunismo nunca chegou a “sair do papel” e a URSS foi socialista de 1917 até 1991.

Dick utiliza do seu tempo presente como o horizonte de expectativa do personagem fictício, de forma que o protagonista o idealiza, o romantiza e o transforma em uma utopia em contraste com a sua realidade fictícia, onde muito provavelmente os Estados Unidos e o capitalismo não obtiveram êxito como polo ideológico, e o mundo de George Miller é uma metáfora do medo (principalmente dos estadunidenses) da possibilidade de um futuro socialista/comunista.

Sabendo que a ideologia comunista é de igualdade e repartição igualitária do capital, é possível identificar essa metáfora através das túnicas que todos os outros personagens usam — que eram obrigatórias pelo governo e suas “regras estritas para vestuário” (DICK, 1954, n.p) — e que tornavam uns iguais aos outros. Essa alusão se confirma na forma como George Miller insinua que o inspetor, Fleming, seu superior na hierarquia de seu emprego, seria apenas “uma função de uma totalidade cultural impessoal” (DICK, 1954, n.p); sem alma, sem orgulho de realização e “nenhum padrão próprio” (DICK, 1954, n.p).

O *American Way of Life* (o “estilo de vida americano”) foi uma das ferramentas de propagação ideológica capitalista durante os governos de Truman e Eisenhower, onde a felicidade era relacionada com o consumo de meios materiais. Miller idealiza essa época e seu cotidiano, “quando os homens eram livres e podiam falar o que lhes viesse à mente.” (DICK, 1954, n.p), uma época de oportunidades, com “governo limitado, responsável pelo

povo”, “a empolgante era da virilidade e da individualidade, quando os homens eram homens” (DICK, 1954, n.p) e onde “o casamento é permitido, até mesmo sancionado”. Um contraste totalmente diferente de sua realidade fictícia em uma “grande hierarquia que se espalhava feito uma teia acinzentada e grudada sobre todo o planeta. Dentro de cada unidade industrial, profissional e residencial” (DICK, 1954, n.p), no qual o Estado tem o poder até sobre a custódia dos filhos, como mencionado no conto pelo personagem principal.

Ao decorrer do conto, percebe-se que o personagem fantasia tanto com essa realidade passada e a conhece tão bem, que ele acredita que as duas, tanto a do século XX e quanto a sua no século XXII, existem simultaneamente. Miller acredita ter encontrado um “ponto de junção entre os dois mundos”, um portal do tempo, descrito como uma “névoa fraca” que “tremeluzia ao redor dele, nebulosa e oblíqua” (DICK, 1954, n.p) e separa sua vida como “um homem de negócios de classe média” com esposa e filhos; e sua vida como especialista do século XX e sua “exposição no nível R da Agência de História” (DICK, 1954, n.p). Como o inspetor Fleming diz: Miller está “parado no meio de uma exposição artificial, de propriedade da Agência de História, um punhado de plástico e fios e umas vigas. Uma réplica de uma era passada. Uma imitação. E você [George Miller] prefere ficar aí a permanecer no mundo real” (DICK, 1954, n.p).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o conto de Philip Dick como exemplo, buscou-se uma interpretação crítica e lógica do imaginário social presente na obra ficcional, resgatando um testemunho subjetivo de um grupo social (neste caso, os estadunidenses), seus anseios e seus temores e, de forma geral, foi possível captar o sentimento em comum que esse grupo vivenciava no seu presente; uma época específica do tempo histórico (o contexto da Guerra Fria). Isso foi possível devido à aproximação com a realidade do presente do autor, inserida em um mundo paralelo futurístico e fictício, capacidade que a literatura promove, como argumentado por Pesavento (2006) e Chiappini (1999).

Essa interdisciplinaridade é de extrema relevância para os estudos historiográficos e poderíamos citar diversos exemplos de como a ficção e a história podem caminhar lado a lado. Tentamos aqui expor um caminho teórico e metodológico de como aplicar as categorias de Koselleck, tão caras à historiografia e aos estudos quanto ao tempo histórico e às percepções deste. A literatura permite a análise dos imaginários que surgem das experiências do passado e criam infinitas possibilidades de expectativas, que são renovadas de geração

em geração, como diz Pesavento, “cada geração se coloca problemas e ensaia respostas para respondê-los, valendo-se para isso de um arsenal de conceitos que se renova no tempo” (PESAVENTO, 2006, n.p). Esses problemas de cada geração “é uma contínua surpresa. Não apenas o fosso entre o passado e o futuro aumenta; a diferença entre experiência e expectativa é sempre superada” (KOSELLECK, 2006, p. 322).

Em um mundo globalizado, com o desenvolvimento tecnológico cada vez mais acelerado, a ficção científica é um gênero literário que se renova tanto quanto os avanços tecnológicos contemporâneos, e que “mostra estar consciente das preocupações dos tempos em que é escrita e provê um comentário implícito sobre a sociedade contemporânea, explorando os efeitos, materiais e psicológicos, que qualquer tecnologia nova pode ter sobre ela.” (MANN, 2001, p. 6 apud CARDOSO, 2006, p. 18), permitindo assim que as obras transmitam os “espaços de experiência” e “horizontes de expectativas” que podem ser analisadas de forma crítica e metodológica por pesquisadores.

Fica claro que a inspiração do conto *Peça de Exposição* de Philip Dick foi a incerteza do que seria do futuro, dada a tensão geopolítica de seu presente. O espaço de experiências da sociedade do período da Guerra Fria era de milhares de mortes em meio ao terror e a destruição, afinal a Segunda Guerra Mundial ainda estava fresca na memória, com seu desfecho medonho — as bombas nucleares enviadas pelos Estados Unidos sobre Hiroshima e Nagasaki. Um espaço de experiência manchado por guerras, reestruturações políticas e sociais; marcado pelo desenvolvimento científico, tecnológico e atômico, que poderiam destruir o planeta, assim como o fim da Segunda Guerra Mundial destruiu parte do Japão.

O presente de Philip Dick, em meio a Guerra Fria, era ainda era marcado por tensão, guerras e conflitos. Apesar disso, em comparação com o seu espaço de experiência, era um estilo de vida americano e capitalista mais “tranquilo”, de oportunidades e liberdade, de autonomia de consumo, de arte e cultura, de “orgulho de realização” (DICK, 1954, n.p) para os estadunidenses. Dick romantiza seu presente no conto através do personagem George Miller, pois seu horizonte de expectativas era duvidoso e incerto, com polos (Capitalismo contra Socialismo/Comunismo) competindo o tempo todo, esbanjando desenvolvimentos científicos e tecnológicos que poderiam exterminar a humanidade (como a bomba atômica). O que o autor deseja passar com esse mundo paralelo, é que o imaginário da sociedade estadunidense era de constante angústia em perder o seu posto de potência ideológica influenciadora e em constante horror de fracassar na luta capitalista contra a União Soviética e a “praga” do comunismo.

REFERENCIAS BLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Gabriel Ferreira. Capítulo 3: A ficção, a temporalidade e a realidade em Philip K. Dick. In: **Futuro Nostálgico: Temporalidade, Realidade E Imaginário Social Em Androides Sonham Com Ovelhas Elétricas?** (1968). Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal Fluminense, Unidade de Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes, 2018, p. 45-49.

CARDOSO, Ciro Flamarin. Ficção científica, percepção e ontologia: e se o mundo não passasse de algo simulado?. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 13 (suplemento), outubro 2006, p. 17-37.

CHIAPPINI, Ligia. Relações entre História e Literatura no contexto das humanidades hoje: perplexidades. In: **Simpósio Nacional De História**, 20., 1999, Florianópolis. História: fronteiras. Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas – FFLCH-USP/ANPUH, 1999, p. 805-817.

DICK, Philip K; Peça de exposição, 1954. In: **Sonhos elétricos**. Aleph, 2018, n.p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/470440515/Sonhos-Eletricos-Philip-K-Dickpdf>. Acesso em 1 de dez. de 2022.

HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. In: **Memória, história, presente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 133-191.

JENKINS, Keith. O que é a História?. In: **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 23-52.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço de Experiência e Horizonte de Expectativa. In: **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

KOSELLECK, Reinhart. A história social moderna e os tempos históricos. In: **Estratos do Tempo: Estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p.295-311.

PESAVENTO, Sandra. História e literatura: uma velha-nova história. **Nuevo mundo, Mundos nuevos**, Debates. 2006, n.p. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html> Acesso em 1 de dez. de 2022.

YAMASHITA, Jougi Guimarães. As guerras pela história – 2.1 O status da disciplina “pré-Annales”. In: **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção de subjetividade**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 69-92.